



Ciência, divulgação científica e eventos técnico-científicos¹

Maria das Graças Targino²

Docente-pesquisador Universidade Estadual do Piauí / Universidade Federal do Piauí

Oswaldo Nilo Balmaseda Neyra³

Assessor da Direção de Pós-Graduação do Ministério de Educação Superior, Cuba

Resumo

Dentre as formas de divulgação da ciência, está a comunicação científica semiformal. Os cientistas, para difusão das suas pesquisas, não optam, de imediato, por meios convencionais, mas recorrem a pré-edições, versões provisórias e comunicações em congressos. No caso dos eventos, estes mantêm características informais na forma de apresentação oral dos trabalhos e características formais na sua divulgação via impressos ou eletrônicos. A sua expansão, em todas as áreas, se dá em meio a uma série de mutações. Por isto, discutem-se as (des)vantagens desses encontros, com enfoque generalista, dissertando sobre modalidades de apresentações e apresentadores, acrescentando reflexão sobre os eventos como recurso para a comunicação científica.

Palavras-chave

Eventos técnico-científicos; Comunicação científica semiformal

Introdução

Os tempos mudaram e as mudanças prosseguem. Alcançam todos os setores da vida humana, incluindo, com força total, as atividades científicas e tecnológicas, imprescindíveis ao processo desenvolvimentista das diferentes nações. Mais do que antes, o homem contemporâneo percebe a ciência não somente como soma dos conhecimentos humanos historicamente acumulados ao longo dos séculos, mas, essencialmente, como processo que visa à produção de novos saberes, estruturados com métodos, teorias e linguagens próprias, que visam compreender e, portanto, orientar a natureza e as atividades humanas.

Ora, se a ciência está a serviço da sociedade, a divulgação de resultados das pesquisas empreendidas constitui etapa fundamental e não complementar às suas ações, tanto para permitir que a população tire proveito dos avanços, como para legitimá-los. Ao contrário do que ocorre em outras áreas da vida social, na atividade científica prevalece a desconfiança e / ou a suspeição do julgamento, até que as evidências sejam devidamente comprovadas. Tal cepticismo sistemático, segundo o qual a ciência não legitima novos conhecimentos de forma dogmática, concorre para o estabelecimento de disciplina intelectual rígida e padrões críticos elevados para os cientistas, diante dos próprios resultados. O sistema de avaliação a que são invariavelmente submetidos os originais propostos à publicação na literatura científica, o julgamento de solicitações junto às agências de financiamento, a formação de bancas para análise de trabalhos

¹ Trabalho apresentado ao NP Comunicação Científica e Ambiental, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Doutora em Ciência da Informação, Universidade de Brasília.

³ Doutor em Ciências Pedagógicas, Ministério de Educação Superior, Cuba.



acadêmicos, sobretudo, de pós-graduação *stricto sensu*, e a forma de condução dos debates nos eventos científicos têm nítida vinculação com essa prescrição.

Como decorrência, cientistas e pesquisadores lançam mão de variados recursos dentro dos preceitos da denominada comunicação científica. Esta propicia a soma dos esforços individuais dos membros da comunidade científica, graças ao intercâmbio de informações, dentro de um ciclo inesgotável de recepção e transmissão de dados. É a ciência comunicada no próprio âmbito. É a ciência filtrada dentro da sua estrutura. Portanto, a comunicação científica fundamenta-se na informação científica, que, por sua vez, gera o conhecimento científico, o qual consiste em acréscimo à “*verdade*” vigente sobre fatos ou fenômenos. Isto porque, a ciência é infinitamente evolutiva e mutável (não há nem haverá ciência “*pronta*”), o que faz da pesquisa científica o seu instrumento central e da comunicação científica, o seu elemento básico.

Sob tal perspectiva, a comunicação científica configura-se como sistema global e sinérgico, que reúne medidas, facilidades, ocasiões, publicações, recursos e diretrizes, que determinam como as mensagens científicas circulam. O cientista lança mão de recursos diversificados para difusão das suas descobertas, que vão desde os mais informais aos eletrônicos, preferencialmente, de forma concomitante, porquanto eles não são antagônicos, mas sim, complementares. Daí resulta a categorização bastante utilizada acerca da comunicação científica: (a) formal; (b) informal; (c) semiformal; (d) eletrônica.

Não se trata de segmentação universal, haja vista que não é aceita por todos os estudiosos da comunicação e comunidades científicas, face às especificidades das áreas e subáreas do saber. Ademais, o avanço e a expansão veloz dos meios eletrônicos, com destaque para a internet, modifica, a cada dia, de forma substancial, o processo de difusão informacional e a atuação e concepção dos canais de comunicação. Por outro lado, tal categorização privilegia mais a produção do documento em si do que os aspectos comportamentais presentes no processo de comunicação em sua amplitude.

Além da sua confirmação por teóricos clássicos, como Meadows (1999), contestadores, como Lievrouw (1992), ao tratar especificamente da área de comunicação social, não consegue ela mesma suprir as deficiências apontadas. O seu modelo se baseia em duas definições construtivistas. Uma considera a comunicação científica como ação ou atitude que permite e incentiva a troca de informações entre os indivíduos. A segunda diz respeito à estrutura da comunicação como conjunto das relações existentes entre indivíduos que compartilham objetivos comuns e informações do mesmo nível. A partir



de então, a autora representa o ciclo de comunicação em três estágios subseqüentes: concepção, documentação e popularização.

Na primeira fase, os cientistas aprofundam as suas idéias no âmbito de grupo restrito, de forma bastante informal. São os correios eletrônicos, telefonemas, encontros casuais em corredores e / ou em laboratórios, dentre outros itens. Neste caso, a estrutura comunicacional está representada por pesquisadores individuais, que compartilham dúvidas e experiências com profissionais próximos, como colegas, amigos, orientandos / orientadores, co-autores, membros de uma mesma equipe, agrupando, quando muito, 12 pessoas.

No estágio da documentação, o processo comunicacional é mais complexo. Os cientistas registram as suas pesquisas com maior precisão e completeza, graças à elaboração de *papers*, capítulos de livros, artigos de periódicos, comunicações em eventos técnico-científicos e outros meios. Isto requer estruturas abrangentes, entre as quais estão associações profissionais, programas universitários de pós-graduação, docentes de uma mesma disciplina e membros dos colégios invisíveis. Quando da popularização dos conhecimentos gerados, os esforços empreendidos visam tornar a ciência acessível ao grande público, por meio de intermediários, como jornalistas e editores, os quais se posicionam como mediador entre pesquisador e sociedade.

No entanto, a própria Lievrouw (1992) reconhece que muitas idéias não alcançam o terceiro estágio, salvo temas de impacto midiático mais expressivo, como, nos dias atuais, eutanásia, transgenia, fenômeno do tsunami, clonagem etc. Admite, ainda, que há semelhança entre os binômios concepção e documentação x comunicação informal e formal, e também que o modelo por ela defendido prioriza o aspecto cíclico e progressivo do fluxo informacional. Assim, descarta a relevância da prioridade científica e dos critérios externos de cientificidade, que compreende a avaliação pelos pares, que é, em sua essência, a prática do ceticismo sistemático.

Por conta de tudo isto, ou seja, face à inexistência de categorizações satisfatórias, a maior parte da comunidade científica aceita a compartimentação da comunicação nas quatro classes citadas. Afinal, os cientistas, para difusão das suas pesquisas, sobretudo no caso dos resultados parciais, não optam, de imediato, por meios convencionais. Recorrem a pré-edições (*preprints*), versões provisórias (*prepapers*) e comunicações em eventos. Estes mantêm, ao mesmo tempo, traços informais, quando da apresentação oral dos trabalhos e nas discussões que provocam, e traços formais na sua divulgação



via anais impressos ou eletrônicos. A sua franca expansão, nos diferentes campos, inclusive em comunicação, se dá em meio a uma série de mutações.

Diante do exposto, objetivamos discutir as (des)vantagens dos eventos técnico-científicos ou simplesmente, científicos, na atualidade, com enfoque generalista. Para a consecução do proposto, apresentamos, de início, de forma sucinta, a diferenciação macro entre as quatro categorias, tão-somente para inclusão desses eventos no âmbito da comunicação semiformal. A seguir, com base em experiência empírica, discutimos as modalidades de atividades mais usuais nos encontros, sejam congressos, simpósios, jornadas, *workshops* e outros, além dos tipos de participantes-apresentadores, o que conduz a sugestões, ou, no mínimo, à reflexão sobre os eventos como recurso para a divulgação da ciência.

Comunicação científica e categorização idealizada

Qualquer modalidade da comunicação científica possui (des)vantagens. Em termos conceituais, a comunicação científica formal ou estruturada ou planejada se dá por diferentes meios de comunicação escrita, com destaque para livros, periódicos, obras de referência em geral, relatórios técnicos, revisões de literatura, bibliografias de bibliografias e outros materiais, motivo pelo qual Le Coadic (1998, p. 34) a denomina de comunicação escrita. Compreende principalmente as publicações primárias, “onde se apresentam pela primeira vez perante o público, sob a forma de produto da informação, os resultados das pesquisas, e as publicações secundárias e terciárias, muito dependentes das primárias, uma vez que as resumem e indexam.”

A comunicação científica informal ou não estruturada ou não planejada consiste na utilização de canais informais, em que a transferência da informação ocorre graças a contatos interpessoais e a quaisquer instrumentos destituídos de formalismo, como reuniões científicas, participação em associações profissionais e colégios invisíveis. É a comunicação direta pessoa a pessoa. Chamada por Le Coadic (1998) de comunicação oral, incorpora formas públicas de troca de informações, tais como conferências, colóquios, seminários e congêneres, e particulares ou privadas – conversas, telefonemas, cartas, fax, visitas *in loco* a centros de pesquisa e laboratórios. Meadows (1999) também adota tal terminologia, com o argumento de que a oralidade e a conseqüente efemeridade são seus traços mais fortes, salvo as falas registradas em vídeos ou fitas. Mas, a troca informal inclui tanto recursos orais (conversas, telefonemas etc.), como recursos escritos – cartas, fax, mensagens eletrônicas etc.



Contudo, se a categorização de fontes em primárias, secundárias e terciárias é típica do domínio formal de comunicação, isto não relega a um plano inferior o informal. Afinal, como visto, os cientistas, para difusão dos resultados parciais de seus estudos, recorrem a recursos que, como as pré-edições, as versões provisórias e as comunicações em eventos científicos, guardam, ao mesmo tempo, características informais na forma de apresentação oral e características formais na divulgação por meio de cópias ou da edição de anais, independente do suporte. Surge, assim, a idéia de comunicação científica semiformal, como a que guarda, simultaneamente, aspectos formais e informais, possibilitando discussão crítica entre os pares, o que conduz a modificações ou confirmações do teor original.

A comunicação científica eletrônica, por sua vez, é a transmissão de informações científicas por intermédio de meios eletrônicos. É vista sob duas perspectivas: como processo de mudanças estruturais induzidas tecnologicamente, isto é, como resultante das novas tecnologias de informação e de comunicação; como recurso para incrementar e aperfeiçoar o contato entre cientistas. No entanto, há estudiosos que continuam incluindo a comunicação que se concretiza via meios eletrônicos, magnéticos ou óticos, no âmbito da comunicação informal (*e-mails*, bate-papos, grupos de discussão, por exemplo) ou formal (periódicos científicos eletrônicos, obras de referência eletrônicas etc.). Porém, essas formas de comunicação, como decorrência da sua evolução, já configuram a comunicação eletrônica. Afinal, o processo de comunicação compreende traços das culturas oral, escrita, impressa e eletrônica, cada uma das quais com suas peculiaridades, sem que isto represente necessariamente exclusão. A cultura impressa pode guardar marcas concomitantes da cultura oral, escrita e eletrônica, da mesma forma que a eletrônica conserva características das demais e assim por diante.

Assim, sem detalhar vantagens e desvantagens inerentes a cada um dessas formas de comunicação, como o faz Targino (2006), reiteramos que se trata de categorização idealizada, vez que as formas e os canais de comunicação não são estanques. Ao contrário. Constituem espécie de “*rede*” ou ciclo, no qual pesquisadores e produtos fluem, segundo o estágio das pesquisas e o fluxo informacional que esses estágios pressupõem. Isto porque, os pesquisadores são fundamentalmente distintos nas suas demandas informacionais e na apreensão de conhecimentos. De forma similar, grupos de pesquisadores apresentam particularidades intrínsecas às áreas em que transitam, à tipologia dos trabalhos que desenvolvem, ao estágio em que o próprio grupo se encontra, o que consistem em elementos determinantes para estabelecer a natureza das



informações de que necessitam, as fontes prioritárias e os veículos de comunicação. Quer dizer: as variações interindividuais refletem nos grupos de pesquisa, segundo fatores diversificados, a exemplo dos cientistas físicos x cientistas sociais; cientistas adeptos da pesquisa pura x cientistas adeptos da pesquisa aplicada; cientistas experientes x cientistas iniciantes; cientistas voltados para um mesmo tema em diferentes facetas x cientistas ecléticos.

Divulgação científica e eventos técnico-científicos

Diante da força da comunicação científica para o avanço da ciência e tecnologia (C&T), resgatamos a relevância dos eventos científicos para a divulgação dos resultados de pesquisas científicas e o intercâmbio semiformal. Promovidos, em sua maioria, por instituições de ensino superior, institutos de pesquisa, órgãos governamentais ou sociedades científicas e associações de classe, são imprescindíveis para atualização profissional, contatos pessoais e avaliação de trabalhos inéditos. No entanto, na atualidade, em todas as áreas, inclusive em comunicação social, carecem de reestruturação, por uma série de fatores.

A princípio, nem todos os profissionais que participam das modalidades de atividades mais frequentes em eventos científicos de naturezas distintas, sejam elas conferências, mesas redondas, painéis, apresentação de comunicações / *papers*, simpósios, fóruns, seminários ou palestras, estão devidamente treinados e / ou possuem habilidade para lidar com o universo da comunicação oral. Por conta disto, muitas vezes, perdem o objetivo central das suas exposições, e não conseguem transmitir aos pares, no tempo previsto, a relevância das informações que desejam repassar.

A bem da verdade, não são apenas os expositores que falham. Com mais frequência do que a desejada, os organizadores dos eventos também incorrem em descuidos, como contactar expertos com pouca antecedência, convidar especialistas para temas que já não despertam interesse, empregar incorretamente certas modalidades de apresentação, e, sobretudo, selecionar *papers* ou temas de pouca utilidade para a comunidade científica ou profissional.

Isto mostra que falham tanto no que diz respeito à programação em si como na seleção dos *papers*. A inclusão de número excessivo de trabalhos, e, portanto, de apresentações, além de introduzir carga excessiva de informações, algumas das quais, de qualidade questionável, acarreta a redução do tempo das apresentações e, portanto, impossibilita debates mais esclarecedores. Outro tópico que merece a atenção é o excesso de atividades paralelas. Se representam maior chance de opções, determinam a



fragmentação dos eventos, sendo cada vez mais comum, o “*entra-e-sai*” dos recintos onde as reuniões acontecem, como forma de o indivíduo “*descobrir*” o que há de mais interessante no momento, prejudicando os interessados.

E o que é pior, ferindo frontalmente a tendência inevitável à especialização (e não estamos falando da atomização dos conhecimentos, mas da especialização sem perder de vista o contexto onde a temática está inserida), temos, cada vez mais, em nível nacional e internacional, congressos que se transformam em megaeventos. A temática é excessivamente abrangente, comportando quase infinita possibilidade de inserção. Os públicos são também variados. As modalidades de apresentação de trabalhos se expandem e se confundem. Há de tudo.

E mais, ainda segundo Targino (2001), a triagem dos *papers* via resumos e não textos integrais, se é ágil, prática e menos onerosa, é bastante falha. Garante aos que possuem domínio na elaboração de resumos vantagem injusta, sem contar com os resumos que são pura ficção: pesquisas inexistentes ou em fase bem inicial ou tão-somente “*idealizadas*”, até porque pesquisadores não podem ser elevados à falsa condição de deuses ou semideuses... E o que dizer de um mesmo trabalho apresentado à exaustão em diferentes eventos, com a troca de títulos, de introdução ou mediante o uso de outros artifícios? E o que dizer do texto elaborado às pressas, sem cuidados mínimos, para conseguir liberação e auxílio financeiro das instituições?

São inferências que colocam os eventos científicos como comércio e não como dispositivo a favor da comunicação científica semiformal, envolvendo neste “*jogo de culpa*” os dois segmentos – organizadores e público. Assim sendo, com a ressalva de que inexistente consenso terminológico entre os estudiosos da educação, citamos, a seguir, modalidades de atividades mais usuais nos eventos e os equívocos mais frequentes que nelas se cometem, embora, se devidamente planejadas, todas possam ser utilizadas em prol da divulgação científica.

Modalidades de atividades dos eventos científicos

Entre elas, destacam-se conferência, mesa redonda, painel, apresentação de *papers* e pôsteres. No caso da conferência, hoje, é comum o uso de diferentes designações para distinguir uma conferência de outra. Porém, muitas vezes, tais terminologias têm mais a ver com a importância ou hierarquia do conferencista convidado ou com o momento previsto do que com o conteúdo *per se*. Há conferências magnas, especiais, de encerramento etc., como também, conferências de abertura, a exemplo da programada para o XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Sociedade Brasileira



de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), sobre o tema *Estado e Comunicação*.

Em qualquer caso, a conferência proporciona ao expositor certa liberdade para abordar a temática. Geralmente, trata do “*estado da arte*” de certa área ou subárea, razão pela qual se espera que o expositor, além de suprir as expectativas do auditório, estimule as inquietações intelectuais e científicas, provoque questionamentos e assinale as linhas de pesquisa mais avançadas sobre o tema em questão, reforçando a rapidez e a atualização a menor custo, como vantagens incontestáveis da comunicação semiformal.

Para tanto, em geral, o tempo é de uma hora, mas não é recomendável que seja consumido, na íntegra, com a fala, porque a atenção e o poder de concentração do ser humano se reduzem ao máximo de 30 ou 45 minutos. Logo, ao contrário do que habitualmente ocorre, não se deve extrapolar esse limite e deixar intervalo razoável para colóquio entre conferencista e interlocutores, a partir de perguntas e posicionamentos. Trata-se de momento bastante importante, embora, lamentavelmente, a prática dos eventos nacionais seja a de não permitir o diálogo nessa ocasião, calando a voz da audiência. Isto gera, no lugar da agradável sensação de “*quero mais*”, desejo imenso de ver o fim do “*interminável monólogo*”.

A mesa redonda, como modalidade dos eventos científicos, pretende conhecer elementos diversos ou pontos de vista distintos sobre um mesmo tema. É uma técnica grupal que requer, como o painel, preparação adequada para delinear com precisão o tema, repassando tal informação, com detalhes, aos especialistas convidados. Demanda ação coordenada entre organizadores e expositores, para definir a operacionalização das atividades, estabelecendo a ordem de exposição, o tema, subtemas e demais detalhes. De início, o moderador (coordenador da mesa redonda) introduz a temática, explica a realização da atividade, apresenta os expositores e comunica a seqüência das intervenções ao grande público.

Os expositores (não mais de quatro) dispõem de tempo predeterminado para a sua fala. Concluídas todas as colocações, o moderador apresenta breve resumo, destacando diferenças ou semelhanças entre os pontos de vista relatados, passando a palavra ao auditório, para que este formule questões. Nessa ocasião, os expositores esclarecem, complementam ou defendem os seus posicionamentos, dentre de tempo também fixado pelo moderador, a quem compete, finda a rodada (ou rodadas) de perguntas e respostas, emitir síntese final.



Vemos, pois, como traços característicos da mesa redonda os expositores se ajustarem às indicações do moderador, a discussão ser sempre conjunta e se dar quando todos finalizam a sua fala. Exemplificando: uma mesa redonda sobre *Ética na política brasileira* permite aos expositores colocarem a sua visão sobre o assunto. Por outro lado, em seu todo, a mesa não deve exceder a duas horas, e como o tempo disponível para cada convidado é menor do que o dos conferencistas, deve-se consumir tempo mínimo com saudações e agradecimentos iniciais.

Mesmo assim, nos nossos eventos, face ao planejamento ineficiente, com frequência, os componentes da mesa confundem o seu papel, e intervêm com longas apresentações em *power point*, transformando as falas numa seqüência de palestras isoladas. Em decorrência, consomem tempo demais. Cada um começa repetindo palavras rotineiras (mais que ritualísticas), tais como: “agradeço o convite para participar desta mesa redonda etc. etc.” É o comprometimento da dinamicidade e fluidez citadas sempre como pontos positivos da comunicação semiformal.

No caso do painel, ao contrário do que se pensa, mantém nítidas diferenças em confronto com a mesa redonda: aqui, os expertos não expõem, e sim, discutem um tema ou conversam sobre ele ante o público, a partir de pontos de vista particulares e especializados. Cada convidado (quatro a seis) representa faceta a ser explorada dentro da temática. Logo, esta modalidade permite desenvolver os mais variados aspectos de um mesmo tema, para que o público obtenha visão suficientemente relativa e plural, dentro do prescrito como um dos traços da comunicação semiformal, isto é, possibilitar discussão crítica entre os pares, o que conduz a modificações ou confirmações do teor original. Exemplificando: um painel sobre fotografia, pode incluir especialistas em fotojornalismo; fotografia na publicidade; fotografia como arte; fotografia como expressão de vida; ensino da fotografia nos cursos de comunicação etc.

O painel pode manter certa informalidade, mas, sem perder racionalidade e coerência, pontos essenciais à formulação e apresentação dos conhecimentos científicos. Se necessário, cada participante complementa ou amplia a opinião dos demais, e, neste caso, o moderador desempenha, entre outras, as seguintes funções: apresentar os membros do painel; ordenar as exposições, intercalar perguntas esclarecedoras e controlar o tempo.

Eleito o tema e selecionados moderador e painelistas, de acordo com o estágio de desenvolvimento da comunidade científica a que se destina, os organizadores do painel devem, ainda, planejar reunião prévia entre toda a equipe. O encontro destina-se à troca



de idéias e ao planejamento sobre a seqüência da sessão, esclarecendo os objetivos, distribuindo temas e ordenando os subtemas correspondentes a cada expositor, para que cada um cumpra o seu papel, de forma a mais primorosa possível, fixando o tempo de participação, entre outros itens. Quanto aos expositores, como é de se esperar, além de sólidos critérios acerca da área e do tema, devem ter facilidade de expressão e capacidade de análise e síntese.

Quando esses aspectos são desconsiderados, há deformação da modalidade, e os convidados tendem a atuar como numa mesa redonda mal organizada. E o mais lamentável é que se assim acontecer, os objetivos propostos não são alcançados, desfigurando a oportunidade de divulgação de conhecimentos, dentro do ciclo da comunicação científica.

O moderador inicia o painel, com a apresentação dos expositores e formulação da primeira pergunta. Qualquer painalista (ou um antes indicado) dá início à fala e estabelece o diálogo, que avança segundo plano flexível, mas também previsto. Ao moderador é permitido intervir para formular novas questões e orientar o diálogo, com base em pontos não abordados. É habitual que os painéis terminem com síntese do pensamento de cada expositor e com as conclusões do moderador. E ainda que o painel não objetive, necessariamente, a participação do auditório, caso se queira e haja tempo, o público pode externar opiniões e questionamentos.

No que concerne à apresentação de comunicações ou *papers*, consiste em atividade comum aos eventos científicos, praticamente em todas as áreas. É a modalidade mais favorecida, por ser a que atrai o maior número de profissionais e pesquisadores. Isto se justifica porque oferece possibilidades para difundir, quase de imediato, resultados de pesquisas recém-finalizadas ou ainda em andamento, assegurando autoria e visibilidade acadêmica aos estudiosos, tanto em âmbito nacional como internacional, uma das vantagens do sistema semiformal.

No entanto, a preparação incipiente de alguns autores na elaboração e apresentação oral das comunicações científicas reduz os benefícios que, teoricamente, podem proporcionar. Não nos referimos à versão impressa ou eletrônica do *paper*, uma vez que o formato já está padronizado em numerosos eventos, inclusive nos congressos anuais da Intercom. Só são aceitos trabalhos em estrutura predeterminada segundo padrões de planilha *web*, que estipula todos os detalhes, como tipo e tamanho de letra, espaço, margens, a exemplo do prescrito na página da *II Conferencia Internacional de Software Libre*, ocorrida em Málaga, ano 2006.



Retomando a questão do relato oral dos trabalhos de eventos científicos, os modernos recursos audiovisuais têm influenciado, com vigor e rigor, o planejamento das sessões, a ponto de rechaçar quem ainda não utiliza *power point* e / ou *data show* como antiquado ou não devidamente preparado para a missão de expositor. No momento atual, cada vez mais, é raro alguém apresentar a sua pesquisa de forma tradicional, empregando a palavra, a leitura do texto ou o retroprojetor. As novas tecnologias assumem tal importância que os pesquisadores, em vez de dominarem o funcionamento dos artefatos ultratecnológicos para empregá-los a seu favor, tornam-se dependentes deles. Há tendência crescente para que as pessoas julguem a qualidade do expositor e do seu trabalho, tendo como referencial a qualidade dos eslaides expostos, em visível e inaceitável inversão de valores.

O docente ou pesquisador consome muito tempo para elaborar e “*adornar*” a apresentação em *power point*. Como resultado, nos eventos científicos, assistimos, agora, e de forma progressiva – mais do que a um momento voltado à divulgação científica – a um caleidoscópico leque de exposições, que reúne as muito coloridas frente às mais discretas, as extremamente animadas e as seriamente hieráticas.

Modalidades de expositores dos eventos científicos

Se é possível distinguir os tipos de apresentação, de forma similar, tentamos categorizar os expositores. Isto pode fornecer aos organizadores dos eventos científicos idéia acerca dos interessados, evitando ou reduzindo a participação daqueles que se limitam a aspectos estéticos dos relatos, sem acrescentarem nada em termos de novos conteúdos.

Resultante não de exame exaustivo, mas de tentativa de aproximação, indicamos os quatro perfis mais comuns, com a ressalva de que não são eles excludentes. Manifestam-se de forma combinada ou mesclada, mas o resultado é sempre o mesmo: o consumo de um tempo que poderia ser mais bem aproveitado na análise e no debate de questões de especial interesse para a comunidade acadêmica ou profissional envolvida. Afinal, livros, revistas, relatórios etc., ainda que indispensáveis ao aprimoramento profissional, não são suficientes. São fundamentais a correção, a revisão, a retroalimentação e o estímulo que só o contato pessoal oferece. É ele que cria laços humanos, propiciando confidências, trocas de opinião e fortalecimento do espírito de grupo, dentro do previsto pelo sistema informal e semiformal da comunicação científica, mormente em se tratando dos eventos científicos.

Os perfis mais comuns são:



O expositor-leitor. Pode ser de dois tipos: imperturbável ou ansioso. Para o primeiro, tanto faz usar ou não *power point*. Quando não o faz, lê pacientemente folha por folha, sem respeitar o tempo nem os pares. Não separa o fundamental do complementar. Precisa recitar tudo, e parece incapaz de desprender-se do texto escrito. O expositor-leitor ansioso, como o imperturbável, quer repassar o conteúdo na íntegra, mas se preocupa com o tempo estipulado. Conseqüentemente, inicia leitura acelerada contra o relógio, e mesmo quando recorre a recursos audiovisuais, os enche de palavras, orações e parágrafos. Lê cada palavra, como se o auditório não pudesse ou não soubesse fazê-lo. Em ambos os casos, como previsível, quase sempre, o expositor ultrapassa o tempo, constringendo a coordenação dos trabalhos, que não consegue pará-lo, além de causar irritação à platéia, que não capta o essencial da fala.

O expositor-artista trata de suprir a carência de conteúdo com apresentação excessivamente multicolorida. O objetivo central é mostrar perfeição estética e cromática. Para ele, utilizar imagens, mesmo quando não suprem informações relevantes nem as complementam, é suficiente. Às vezes, as ilustrações são extremamente pueris, sem sentido e a sua inserção obedece somente a um conceito totalmente desvirtuado de estética. As telas recebem movimentos tão exageradamente “*atrativos*”, tantas dissolvências e transições, que no lugar de atraírem os pares, dispersam-lhes a atenção. É a comunicação semiformal em sua face negativa, porquanto ao tempo que fortalece o controverso lema *publish or perish*, acarreta contribuições superficiais e inconsistentes, dentro da propalada expressão *salami science*.

O expositor-teórico. Este pode ser de tipo intranscendente, porque não produz novos conhecimentos, mas está sempre presente nos eventos científicos, muitas vezes, a custos elevados para o órgão ao qual está vinculado. Com frequência, busca ganhar créditos para atender às exigências institucionais ou ao programa de pós-graduação a que está matriculado, mas não aporta contribuição à comunidade científica. Restringe-se a transmitir informações compiladas, verdades conhecidas, extraídas de livros, da internet ou de artigos digitalizados, copiados daqui e dali. Esse expositor consome muito tempo e, às vezes, mais do que o delimitado, para expor princípios, leis e categorias vinculadas ao objeto de estudo ou para explicar “*verdades de Perogrullo*”, ou seja, o óbvio.

O expositor-ambicioso, habitualmente, é bom comunicador e domina o tema. Porém, como o expositor-leitor, pretende comunicar tudo, vez que considera as informações que detém como de suma importância, de tal forma que os outros não podem deixar de escutá-lo. Na sua pretensão, passa horas frente ao computador para preparar material de



boa qualidade, geralmente discreto, mas com muitos gráficos, tabelas e esquemas. Como resultado, uma quantidade excessiva de eslaides (é recomendável não elaborar mais de um, por cada minuto previsto de fala), o que impossibilita a sua exibição.

Afora isto, uma introdução bastante longa, em que detalha objetivos, origem e outros dados da sua pesquisa, faz com que, ao iniciar a parte central da sua fala, já tenha consumido vários minutos. Mesmo assim, passa devagar as projeções. Com o avanço da hora, se sente coagido a acelerar o ritmo, até que o coordenador dos trabalhos comunica que o tempo se esgotou. É preciso tomar uma decisão e escolhe uma das alternativas: pára ou descumpre a promessa de terminar em poucos segundos. Em qualquer das opções, sente-se duplamente frustrado. Primeiro, por não comunicar aos ouvintes todos os resultados, como gostaria de fazê-lo. Segundo, por haver desperdiçado tempo no esmero da apresentação. Em qualquer das decisões, não obtém *feedback* significativo para o aprimoramento da sua produção, desperdiçando um dos trunfos da comunicação informal e semiformal.

Novas modalidades de atividades dos eventos científicos

A prática mais comum para organizar a modalidade de apresentação de comunicações ou palestras é o agrupamento temático, reservando vários minutos para cada uma e reduzindo o tempo para a troca de opiniões e os questionamentos do público. Dentro de uma hora, se a cada expositor cabe 10 minutos e mais cinco para discussão do seu texto, a apresentação limita-se a quatro falas por cada hora. Como na atualidade os eventos reúnem mais e mais pessoas, inclusive expositores, este procedimento resulta ineficiente. Alternativa viável, já adotada em alguns encontros, é a exposição de todas as falas da sessão, seguida de debates entre autores e interessados, mas só é viável, quando há poucos participantes por sessão.

Para reaver a eficiência dos eventos no processo de divulgação científica, está ganhando força um novo tipo de apresentação de comunicações científicas. É a “*oficina de debates*”. Inclui palestra introdutória, que dá partida às discussões sobre certo tema. Delas participam, de forma sistemática, os autores de trabalhos que abordam a mesma temática. Esta estratégia permite a intervenção de um número maior de profissionais e / ou pesquisadores do que o procedimento de relato de comunicações ou *papers*.

Em contraposição, exige dos organizadores preparação mais cuidadosa. Pode ocorrer que o palestrante inicial não consiga explorar as múltiplas facetas de interesse da coletividade. De início, é indispensável estudar cada um das exposições encaminhadas ao Comitê Científico do evento com o intuito de estruturar as comissões distintas que



vão abordar os diferentes assuntos das comunicações. Uma vez agrupadas, é preciso identificar qual delas trata o tema de forma mais abrangente, pondo à tona os aspectos essenciais. Graças ao caráter generalista, vai servir como fio condutor para análise do objeto de estudo, de modo que os demais expositores se sintam contemplados de uma ou de outra forma na fala introdutória, cujo autor terá cerca de 10 minutos para expor.

Logo em seguida, cabe ao coordenador dos trabalhos (necessariamente, estudou e conhece todos os textos) declarar os eixos transversais dos debates. Esses eixos não devem ser mais de três e devem refletir os demais *papers* encaminhados. Os seus autores, num intervalo de tempo devidamente fixado pela coordenação, com base na quantidade de participantes, expõem contribuições e pontos de vista, mas não via apresentações formais em *power point*. Expressam opiniões com base nas suas investigações científicas, experiências e vivências. Como nem todos da audiência podem intervir, a preferência é para os autores dos *papers*.

Esta modalidade permite melhor aproveitamento de tempo e o envolvimento de mais participantes do que a apresentação de comunicações ou *papers* nos moldes atuais. Ajuda a eliminar o estresse e a ansiedade dos expositores. Transfere o peso da comunicação unidirecional para a sinergia; da recepção passiva para a produção participativa; da mediocridade para a inteligência presente na produção de uma aprendizagem grupal e enriquecedora, dentro de uma das premissas mais interessantes da construção do conhecimento – a sua construção coletiva.

Por outro lado, os eventos científicos estão retomando os **pôsteres** como modalidade de atividades, embora não constituam novidade. Como antes, enfrentam resistências dos que julgam abrigarem produção intelectual de segundo escalão, não obstante favorecerem apresentações mais prolongadas, discussões com os interessados e distribuição de material impresso, num tempo mais elástico do que as outras modalidades (MEADOWS, 1999). No entanto, mais do que antes, são adotados para escoar a produção crescente e abrigar número mais alto de inscritos nos congressos ou similares. Em outras palavras, os pôsteres estão de volta por conta da abrangência temática e da pluralidade de audiência que caracterizam os eventos, na atualidade.

Finalizando

O que fica evidente em toda a discussão é a relevância dos congressos ou eventos similares de natureza técnico-científica, dentro do consenso de que o compartilhamento dos resultados das pesquisas entre crescente número de pesquisadores, acadêmicos ou não, é essencial ao desenvolvimento dos países, possível somente graças ao



investimento em C&T. E este binômio prevê a atividade científica mais e mais sociabilizada, isto é, o cientista isolado dá lugar ao pesquisador inserido na comunidade científica, em contato permanente com os pares, que dele exigem competitividade e produtividade.

Ademais, os recursos informais não pretendem substituir ou excluir os canais convencionais. O seu fortalecimento decorre tanto do permanente esforço dos especialistas na busca contínua de informação atualizada, quanto da demanda inerente à ciência moderna: rápida e acurada comunicação. Reiterando Kuhn (2003), para quem a estrutura e a dinâmica da ciência assemelham-se a um imenso quebra-cabeças, onde cada peça simboliza nova unidade do conhecimento, o sistema informal e semiformal atuam como estágio em que os indivíduos reunidos em torno de objetivos comuns refletem sobre os mesmos problemas na busca de soluções, até que nova peça do quebra-cabeças seja adicionada de forma consistente.

Nada disto nega as deficiências dos eventos de hoje, por sua abrangência temática e de público e por sua comercialização, que favorece a inclusão de *papers* rasos e sem caráter científico, graças a seleções frágeis e inconsistentes. Tais deficiências comprometem esses encontros e o seu propósito central, qual seja, a difusão dos novos conhecimentos, até porque, como Cunha e Crivellari (2005, p. 42) chamam a atenção, “a força e o sucesso de uma profissão são [...] legitimadas (*sic*) pela delimitação clara de seu campo de competência, pela delimitação de um espaço próprio de ação [...]”

Novas informações e novas concepções só se transformam em contribuições científicas reconhecidas e aceitas, se comunicadas de forma a permitir comprovação e verificação, e posterior aplicação. Nada mais promissor do que a organização de eventos, em que a qualidade dos trabalhos e a credibilidade dos pesquisadores prevalecem sobre o montante dos recursos obtidos e / ou sobre a quantificação dos participantes-autores. Logo, a organização eficiente dos eventos e a sua adequada execução são indispensáveis para o seu êxito, o que demanda algumas proposições, a fim de que estes retomem a função primordial de recurso valioso na divulgação científica:

os pesquisadores de qualquer campo do conhecimento carecem de rever a sistemática organizacional dos seus eventos científicos;

os eventos científicos devem resgatar a especificidade das áreas e subáreas, como forma de reunir membros da comunidade científica, expressão que designa os partícipes de uma comunidade, que, de fato, compartilham paradigmas idênticos, possuem interesse



em torno de uma especialidade, submetendo-se à iniciação profissional e a processo de educação similares, além de acessar a mesma literatura técnica;

os organizadores dos eventos científicos precisam, também, reformular o processo de seleção dos *papers* encaminhados, tanto no que concerne à quantidade como à qualidade, com o intuito de permitir maior aprofundamento dos novos conhecimentos (maior tempo para os relatos) e descartar, de imediato, textos rasos, sem originalidade e consistência;

os organizadores dos eventos científicos podem e devem recorrer a técnicas diferenciadas, vez que estas possuem caráter tão-somente instrumental. O intuito dos eventos deve ser sempre suprir as demandas da comunidade científica a que se destinam, o que não invalida a conjunção de diferentes técnicas ou a introdução de novas experiências.

Referências

CUNHA, M. V. da; CRIVELLARI, H. M. T. O mundo do trabalho na sociedade do conhecimento e os paradoxos das profissões da informação. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.) *Atuação profissional na área de informação*. São Paulo: Polis, 2005. p. 39-54.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. 257 p.

LE COADIC, Y.-F. *A ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 1998. 119 p.

LIEVROUW, L. A. Communication, representation, and scientific knowledge: a conceptual framework and case study. *Knowledge and Policy*, New Brunswick, v. 5, n. 1, p. 6-28, spring 1992.

MEADOWS, A. J. *A comunicação científica*. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

TARGINO, M. das G. Divulgação de resultados como expressão da função social do pesquisador. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 24, n.1, p.11-35, jan./jun. 2001.

_____. *Olhares e fragmentos: cotidiano da biblioteconomia e ciência da informação*. Teresina: EDUFPI, 2006. 266 p.

II CONFERENCIA INTERNACIONAL DE SOFTWARE LIBRE, 2., 2006, Málaga. Disponível em <<http://www.www.opensourceworldconference.com>>. Acesso em: 13 abr. 2006.